

**PERSPECTIVAS DA LEITURA LITERÁRIA NA ESCOLA PÚBLICA: UM
ESTUDO DE CASO**
**LITERARY READING PERSPECTIVES AT PUBLIC SCHOOLS: A CASE OF
STUDY**

Emilio Davi Sampaio¹

Geraldo José da Silva²

Amanda Camargo Rocha³

Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul

Resumo: Este artigo trata de um estudo de caso a respeito do ensino da leitura literária na escola pública, especificamente no Ensino Médio, envolvendo alunos concluintes dessa etapa de escolaridade. O desafio de ler e de ter a literatura como mola mestra para esse fim justificam e corroboram o empenho feito neste trabalho. Isto posto, tem-se como objetivo a verificação do interesse dos alunos concluintes dessa etapa de ensino em relação à leitura e à leitura literária. Para atingir o objetivo pretendido, aplicou-se um questionário contendo questões qualitativas e quantitativas. Pelo fato dessa pesquisa ser de natureza histórico-descritiva (ANDRADE, 1999), ancorada em pressupostos teóricos contidos em referenciais dos campos da leitura e da literatura, a investigação seguiu, basicamente, os procedimentos determinados em pesquisas de estudo de caso (LÜDKE & ANDRÉ, 1986). Para fundamentar e subsidiar as discussões e reflexões apropriou-se, também, dos estudos de (FOUCAMBERT, 1994), (ZILBERMAN, 2012), (COSSON, 2014), entre outros. A partir da análise dos questionários, consoante ao que apontam os estudiosos do assunto, constatou-se que a maioria dos alunos disseram ter o hábito de ler, porém apresentam certas deficiências em relação à leitura literária. Isto acontece mesmo diante de a maioria afirmar que gosta de ler. Ficou evidente, através da análise das respostas, que a maior dificuldade dos alunos está em conseguir absorver o conteúdo do texto literário por completo.

Palavras-chave: Leitura; Leitura literária; Ensino Médio; Estudo de caso.

Abstract: This article deals with a case study about literary reading teaching at public school, specifically in high school, involving students who have completed this stage of schooling. The challenge of reading and having literature as the mainspring for this purpose justifies and corroborates the commitment made in this work. Thus, the objective is to verify the interest and level of high school graduates in relation to reading and literary reading. To achieve the intended objective, a questionnaire containing qualitative and quantitative questions is applied. Because this research is historical and descriptive (ANDRADE, 1999), anchored in theoretical assumptions contained in references from the fields of reading and literature, the investigation basically followed the procedures determined in case study research (LÜDKE & ANDRÉ, 1986). To substantiate and support the discussions and reflections, it is also appropriate to study

¹ Doutor em Letras pela UFRGS. Docente dos Cursos de Graduação e Pós-Graduação Lato e Stricto Sensu em Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul - UEMS. Email: emiliomigula@gmail.com

² Pesquisador da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul - UEMS. Email: gera.silva@terra.com.br

³ Graduada em Letras pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. Professora da Rede Estadual de Ensino do Mato Grosso do Sul. Email: amandacamargorocha@gmail.com

(FOUCAMBERT, 1994), (ZILBERMAN, 2012), (COSSON, 2014), among others. From the analysis of the questionnaires, according to what the scholars point out, it was found that most students said they had the habit of reading, but have certain deficiencies in relation to literary reading. This is true even though most people say they like to read. It was evident from the analysis of the answers that the greatest difficulty of the students is to be able to absorb the content of the literary text completely.

Key-words: Reading; Reading literacy; High school; Case study.

Submetido em 15 de novembro de 2019

Aprovado em 19 de agosto de 2019

Considerações iniciais

Atualmente, pesquisas e discussões sobre o ensino da leitura, da leitura literária e da literatura têm estado presentes em trabalhos científicos de toda a natureza no cenário nacional, mas por mais que essas realizações tragam novas descobertas, acreditamos que novas propostas de estudo podem ampliar e atualizar as discussões existentes. As literaturas atuais trazem o assunto sempre observando questões de ordem sociocultural, isto é, desde a cobrança dessas leituras para o vestibular em universidades até o comprometimento com a manutenção delas no sentido de preservarmos nosso patrimônio literário. Diante desse panorama, achamos pertinente considerar a argumentação feita por Regina Zilberman (2012, p. 134) em seu livro: *A leitura e o ensino da literatura*, ocasião em que a autora pontua que o ensino de leitura e da literatura são elementos basilares em todas as etapas do processo de ensino-aprendizagem e, principalmente, no ensino médio. A autora acredita que, enquanto a escola mantinha uma concepção humanista, a leitura literária tinha sua razão de ser, porém a partir do momento em que o currículo do ensino médio adota uma perspectiva profissionalizante, essa modalidade de leitura assumiu função preparatória para o ingresso ao ensino superior.

Sobre o ato de ler, compreendemos que este requer objetivos, foco, disciplina e paciência, pois é um ato solitário, mas reflexivo e envolve capacidades psicológicas que se voltam ao cuidado e à atenção que se deve dispensar para com essa atividade. A predisposição ensejada ao texto lido pode possibilitar ao leitor uma conexão com o conteúdo significativo da obra, levando-o a reflexões diversas sobre a mensagem nela contida, pois, o autor não escreve para si, mas sim para um público que espera encontrar algo que ainda não pertence ao seu cabedal cultural. Certamente, escrita e leitura caminham juntas. Uma completa a outra, tornando os sujeitos envolvidos mais humanos

e seguros, pragmaticamente situados. Sobre esse assunto, encontramos em Galeano (1978, p. 25), que “As pessoas escrevem contra sua própria solidão e a solidão dos demais porque supõem que a literatura transmite conhecimentos, age sobre a linguagem e a conduta de quem a recebe, e nos ajuda a nos conhecermos melhor, para nos salvarmos juntos”.

Nesse sentido, a recepção de um texto nunca poderá ser entendida como um ato passivo, pois quem escreve o faz pressupondo o outro, o leitor. Esse leitor é quem dará vida ao texto, será ele que construirá a ponte de passagem entre um e outro, isto é, entre aquele que forneceu a mensagem e ele que a recebeu para decodificá-la e dar sentido a ela.

Em termos de Arte e Literatura, o momento em que o “eu” se expõe e se dirige ao outro para lhe dizer algo em elevado grau de expressividade, a literatura estará criando a partir da realidade, da vivência de um em função da construção de algo que favoreça ao outro, num sentido de compreensão de uma verdade humana geral. A respeito do estabelecimento do elo entre autor-texto-leitor e sociedade, Candido (2008, p. 83-84), argumenta que

[...] o escritor, numa determinada sociedade, não é apenas o indivíduo capaz de exprimir a sua originalidade (que o delimita e especifica entre todos), mas alguém desempenhando um papel social, ocupando uma posição relativa ao seu grupo profissional e correspondendo a certas expectativas dos leitores ou auditores”.

Como podemos constatar nas palavras de Candido, o escritor sempre tem um auditório previsível e, dessa forma, se identifica e propõe reflexão, provocando um chamamento para a leitura e, assim, no papel de autor cumpre seu propósito interativo com o leitor. Nessa linha de reflexão, vale lembrar a importância da leitura em todas as suas dimensões, especialmente quando se trata do gosto e do prazer pelo que está lendo. Quando se lê o que se gosta é diferente, aprende-se mais, imagina-se mais, constitui-se e alegra-se mais.

A leitura é fonte de conhecimento e prazer, com ela podemos fugir da realidade ou mesmo enxergá-la melhor e, desde criança, fazemos leituras mesmo antes de conseguirmos decifrar os signos linguísticos. Nessa perspectiva de valoração da leitura, encontramos em Freire (1989, p. 9), que se deve ter, primeiramente, a leitura de mundo para depois vir a de palavras.

Levando em conta o percurso informacional teórico exposto, o presente trabalho examinou relatos que indicaram a importância e a situação da leitura literária de alunos concluintes do Ensino Médio. A faixa etária deles variou entre 16 e 19 anos. A seleção desses alunos foi realizada de forma aleatória, através do envio de convites por e-mail, que foram fornecidos pela escola onde eles estudavam. De posse do questionário e, após realizada a revisão da literatura específica, foi feita a tabulação e a interpretação dos dados para a sistematização dos resultados.

Como nossa pesquisa pautou-se nos pressupostos metodológicos do estudo de caso, o propósito foi o de identificar a situação em que se encontrava o processo de formação de leitores em um contexto determinado, tendo como *lócus* uma escola estadual no município de Vicentina-MS.

A verificação do estado da leitura desses jovens foi por demais importante para se conhecer o comportamento atual do pensamento deles. Sabendo-se de que há mudanças conjunturais na sociedade atual, alterações de valores e modelos de comportamento que afetam diretamente esses jovens, preocupamo-nos em saber como o jovem do século XXI valoriza um tipo de leitura que está mais para o deleite do que para a utilidade.

Acreditamos que a situação e o envolvimento desses aspectos sociais são de natureza complexa. Podendo ir do prazer de ler, passando pela obrigatoriedade, até o faturamento das editoras com a venda desse tipo de livro para, em muitos casos, da leitura obrigatória de vestibulares. Mas o que fazer quando o assunto, por demais subjetivo e particular, envolve fatores educacionais, socioculturais e, também, mercadológico? Em relação à leitura, avançar é preciso, atualizar-se é imprescindível, mas como lidar pedagogicamente com esses jovens da era da internet?

É sabido que a leitura é umas das principais fontes de informação e conhecimento, ela tem grande importância na formação do indivíduo como sujeito e cidadão conhecedor dos seus direitos e deveres, além de, também, proporcionar prazer. Para muitos estudiosos dessa área a prática da leitura deve ser estimulada na infância para que a pessoa aprenda desde pequeno que ler é algo importante e prazeroso.

Estudos e pesquisas têm sido recorrentes, no entanto, entendemos que este tema merece pauta constante a todos os envolvidos com o processo de ensino-aprendizagem. Destacamos os estudos de Barbosa (1994), Foucambert (1994) e Zilberman (2012). Todos esses autores falam sobre a importância da escola como *lócus* em que se deva despertar o

gosto pela leitura e, por conseguinte, oportunizar e valorizar o hábito da leitura. A esse respeito, fazemos coro ao que assevera Foucambert (1994, p. 17): “Aprende-se a ler em qualquer idade e continua-se sempre aprendendo. A escola é um momento da formação do leitor”.

Quando se discute sobre a leitura, muitos fatores entram em jogo. As demandas escolares e seu desenvolvimento dependem das políticas públicas que se formam em torno de métodos que não levam em consideração as questões sociais, culturais e econômica em que se origina o leitor. A aprendizagem do aluno depende da forma pela qual a escola se organiza e como os professores veem a importância da leitura.

Observando esses fatores, também procuramos verificar como esse processo de leitura está constituído na escola, por ela ser uma das maiores responsáveis pelos primeiros ensinamentos da leitura em geral e também da leitura literária. A proposta foi a de conhecer como funciona o processo de ensino da leitura literária, se os alunos têm acesso facilmente a elas ou não, procurando saber se eles fazem essas leituras por escolha ou se pela imposição, por saber que a leitura será cobrada pelo professor e o vestibular.

Por fim, assinalamos que nosso estudo se propôs a elaborar uma investigação histórico-descritiva (ANDRADE, 1999), seguindo, basicamente, os procedimentos metodológicos determinados em pesquisas que postulam o estudo de caso (LÜDKE; ANDRÉ, 1986). Estudo este, ancorado em pressupostos teóricos contidos em referenciais dos campos da leitura e da literatura (CANDIDO, 1995), (FOUCAMBERT, 1994), (ZILBERMAN, 2012), (COSSON, 2014).

Como percurso metodológico, este artigo apresenta: a) uma discussão acerca de conceitos inerentes à leitura e a literatura em contexto escolar; b) reflexão sobre a importância da leitura na formação do leitor; c) análise de dados coletados a partir de questionários aplicados. Por fim, tem-se as considerações finais.

1. Leitura, literatura e escola: conceitos e reflexões

A questão proposta neste item é abordar conceitos que estão envolvidos nas áreas da leitura e da Literatura, apontando alguns fatores históricos da relação escola e Literatura, até as problematizações e as dificuldades para o desenvolvimento da leitura e da leitura literária nas escolas brasileiras.

A leitura constitui-se em uma das formas mais significativas para a formação cidadã do indivíduo, uma vez que ela nos faz refletir, amplia nosso conhecimento de mundo e nos faz pensar sobre a sociedade e sua organização, refletir sobre fatos que ocorrem diariamente e que podem passar despercebidos. A partir da leitura podemos relacionar situações atuais a acontecimentos passados para avançarmos na busca por algo novo e melhor para a sociedade.

Vale ressaltar que o ato de ler tem grande destaque em qualquer área de conhecimento, visto que a leitura pode garantir a maior parte do sucesso da aprendizagem. Se desconsiderarmos sua importância, esse processo poderá ser prejudicado. Partindo dessa premissa, acreditamos que escola seja a grande responsável pelo ensino da leitura e por incentivar o hábito de ler. Com isso, oferecer condições para que os alunos tenham acesso à leitura e conheçam a Literatura (ZILBERMAN, 2012).

Zilberman (2012) acrescenta que, na década de 1970, houve uma crise na leitura que despertou grandes discussões. A partir desse momento, uma reforma no ensino foi instituída, sendo que a mesma propiciou maior acesso à Literatura, passando de cinco para oito anos a faixa de escolaridade obrigatória. Um dos resultados dessa reforma foi o aumento de leitores, principalmente o público infantil. É perceptível esses traços, basta ver a quantidade de obras para o público infantil lançadas naquela época e que continua até hoje. Em relação a esse aspecto, Zilberman (2012, p. 14), nos esclarece o seguinte:

Os sinais mais evidentes do fenômeno são verificáveis na literatura infantil, gênero que tem estimulado grandes investigações por parte da indústria de livros através do lançamento de coleções originais para crianças e jovens, da promoção de novos escritores e da reedição de textos clássicos, iniciativas todas que vêm obtendo grande sucesso.

Por outro lado, observamos que é necessário que a escola atual se distancie um pouco mais do sistema tradicional de ensino de literatura e da leitura literária para que possa cativar seus alunos e também proporcionar a eles o hábito de ler. No entanto, percebemos que o sistema se mantém, e conforme se constata nos manuais didáticos atuais, a proposta metodológica para o ensino da literatura e da leitura literária continua sendo a mesma desde as décadas anteriores. Essa reflexão nos é apresentada por Cosson (2014, p. 21-22):

No ensino médio, o ensino da literatura limita-se à literatura brasileira, ou melhor, a história da literatura brasileira, usualmente na sua forma mais indigente, quase como apenas uma cronologia literária, em uma sucessão dicotômica entre estilos de época [...]. No ensino fundamental, predominam as interpretações de textos trazidas pelo livro didático, usualmente feitas a partir de textos incompletos, e as atividades extraclasse, constituídas dos resumos de textos, fichas de leitura e debates em sala de aula, cujo objetivo maior é recontar a história lida ou dizer o poema com suas próprias palavras.

A situação se complica ainda mais quando verificamos que muitos ainda acreditam que a Literatura é desnecessária, considerando-a apenas um adendo à disciplina de Língua Portuguesa, e outros defendem que ela deve ser excluída do ensino. A esse despropósito e ao desconhecimento da importância da Literatura para a vida humana é que verificamos que ela tem sido relegada a segundo plano, conforme expõe Cosson (2014, p. 10):

Alguns acreditam que se trata de um saber desnecessário. Para esses, a literatura é apenas um verniz burguês de um tempo passado, que já deveria ter sido abolido da escola. Essa postura arrogante com relação ao saber literário leva a literatura a ser tratada como um apêndice da disciplina de Língua Portuguesa.

Constata-se, em muitos casos, que o ensino da Literatura e, conseqüentemente, a leitura desta fica restrita somente em decorar os nomes de autores conceituados da Literatura, suas obras e características do período literários. Esse procedimento não possibilita que os alunos possam conhecer com mais profundidade e apreciar a arte que é a da palavra e da literatura. É importante salientar que é necessário um contato mais direto do aluno com a leitura da obra literária, seja ela erudita ou popular. O aluno tem que entrar em contato com o texto para poder apreciá-lo e conseguir expressar seu ponto de vista e não apenas como forma de avaliação, como coloca Klebis (2008, p. 37):

Na escola, lê-se sempre para fazer um resumo do texto; lê-se para responder a um questionário de verificação ou interpretação; lê-se para fazer a prova de livro; lê-se sempre para que algo seja produzido e traduzido na forma de "resultados". Nessa perspectiva, não é à toa que o singelo fato de ler para ou com os alunos, sem exigir a devolução escrita ou oral dos "significados" objetivos da leitura empreendida para avaliar o desempenho dos alunos, ou simplesmente para verificar se a "leitura-de-fato" ocorreu, seja visto com ares de desconfiança pela escola. Uma aula de leitura que não tenha outro propósito senão o de proporcionar um contato com os textos, de aproximar livros e leitores para que aqueles sejam "sentidos" por estes, uma aula em que tão-somente se lê, não é considerada, na opinião de muitos professores, uma "aula-de-fato".

Corroborando o exposto anteriormente, Foucambert (1994) acrescenta que é preciso um conhecimento prévio sobre o texto para conseguir compreendê-lo, dado que, sem isso a leitura será lenta e muitas vezes, seria mais pertinente pedir explicação para alguém que entenda sobre o assunto.

Em relação à decodificação, Foucambert (1994) acrescenta que há alguns anos, apenas decodificar as palavras já era o suficiente, porém com a democratização já não era mais confundido o “ser” leitor com quem apenas decifrava, uma vez que a leitura implica muito mais que ato de traduzir, ela envolve questionamentos e buscas por respostas. A escola é encarregada de construir um ambiente necessário para que haja uma leitura mais eficaz, oferecendo aos professores formação suficiente para poderem trabalhar, transformando seus alunos em verdadeiros leitores ainda na educação básica.

Cosson (2014) defende que a leitura deve ser pensada de três formas, seguindo a seguinte ordem: *antecipação, decifração e interpretação*. Esses três modos de leitura são indispensáveis; a *antecipação* pode se dizer que é a impressão prévia que o leitor tem do texto, elementos que compõem os aspectos materiais, a extensão e tema, autor, entre outros. Entrando no mundo das palavras, a *decifração* é quando o leitor consegue ler o código de determinada língua, podendo saber seu significado ou não; nessa perspectiva, a *interpretação* é de extrema importância para uma leitura de qualidade, tendo em vista que ela é responsável por fazer a conexão entre o código da língua e seus significados no mundo.

O professor tem um papel muito importante na formação do seu aluno como leitor. Por este motivo é necessário que ele esteja sempre lendo, isto é, “em processo de formação”, pois o professor se torna um espelho para o seu aluno, e como cobrar leitura se o mesmo não a faz? Para que haja maior interesse do aluno para com a leitura é necessário que, num primeiro momento, o professor apresente a ele as obras, informando, em parte, o assunto e o conteúdo delas, para que haja uma aproximação dele com o texto, assim sendo, muito provavelmente, ele encontrará sentido em ler a obra para apreciá-la.

Sendo assim, podemos afirmar que a responsabilidade de trazer uma leitura que conquiste o seu aluno é do professor, e a partir desse tipo de ação pedagógica teremos mais alunos e conseqüentemente mais cidadãos leitores. Para ler é importante compartilhar vozes, isto é, conversar mostrando outras possibilidades de leitura, por conta disso, na escola, o professor que também deve ser leitor, tem que procurar compartilhar

as suas experiências e leituras com os seus alunos-leitores, como nos aponta Carvalho (2008) em seu texto “Leitura na Escola: caminhos para sua dinamização”.

Sob o aspecto situacional, é fundamental que o professor se aproxime do seu aluno e conheça sua realidade sociocultural, a partir dessa ação, é possível que o aluno faça o mesmo, colocando-se no lugar do professor, como exemplifica Klebis (2008, p. 36):

Ao aproximar-se do aluno, ouvindo o que ele tem a dizer; penetrando pouco a pouco em seu universo subjetivo; descobrindo seu “lugar” de aluno em seu contexto social, cultural, histórico, o professor abre a possibilidade de que seu aluno, à sua maneira, faça gesto semelhante, descobrindo o professor em seu “lugar” de professor ao percebê-lo “aberto”, criando-se assim uma zona de partilha entre ambos.

Acreditamos que a leitura literária é uma das mais importantes formas de tornar uma pessoa mais humana, crítica e consciente, sendo que ela poderá levar o leitor a conhecer mundos distantes e a ter vivências diferentes. É ela também que faz aflorar em nossos sentidos o nosso senso de observação e de reflexão sobre nós mesmos, por isso os professores devem apresentar a literatura e a leitura dela como algo natural e que não esteja ligada somente à aprendizagem, e sim ao deleite e ao lazer. Ampliando nossa discussão sobre as diferentes vivências que a leitura pode proporcionar, temos a contribuição de Pszczol (2008, p. 21) que argumenta o porquê de ser tão difícil implantar a cultura da leitura no Brasil:

Em primeiro lugar, é importante registrar que a cultura brasileira é a da oralidade: falamos alto, ouvimos rádio alto, gostamos de estar em grupos onde conversamos alto, cantamos alto etc., enquanto o movimento requerido pela leitura é justamente o oposto: é aquele da introspecção, do silêncio, da individualidade.

Diante desse cenário, observamos que a maioria das pessoas e dos alunos que não gostam de ler, geralmente se recorre a uma fala repetitiva: “o direito de não ler”. Entretanto, em relação à escola e aos professores, estes devem pensar o contrário e agir de diferente, devem incentivar seus alunos a ler e dizer a eles que a leitura é um direito para que eles possam compreender e usufruir dela com mais consciência. Zilberman (2012) trata desse assunto apontando que, muitas vezes, o processo do ensino da leitura daqueles alunos que adotaram o direito de não ler foi falho, e que não houve por parte da escola um trabalho dedicado efetivamente ao ensino da leitura e da leitura literária.

De maneira geral, continuando nessa mesma linha de pensamento, percebe-se que grande parte da população brasileira ainda não tem acesso à leitura e, muito menos, à leitura literária em seu cotidiano, e que por isso tem sua capacidade crítica reduzida, chegando a desconhecer também muitos de seus direitos como cidadão. Cabe ressaltar que vivemos uma realidade dramática em que há uma grande negligência do poder público em torno da situação. Sobre esse assunto, assim se expressa Pszczol (2008, p.13):

[...] não se constrói uma sociedade leitora sem que exista a vontade política de organizar essa sociedade. Pessoas que nem sequer conseguem dominar totalmente as habilidades da leitura e da escrita, com dificuldade de acesso, compreensão e interpretação de informações, muito provavelmente também não terão como fazer valer seus mais elementares direitos.

Vale lembrar que, quando citamos os meios políticos para a aquisição de cultura e leitura, podem surgir algumas divergências. É sabido que há muitas ações para se criar uma cultura de leitura, entre elas campanhas para arrecadações, bibliotecas públicas, propagandas governamentais, entre outros programas que incentivam de maneira favorável ao desenvolvimento da leitura da população. Em contrapartida, os resultados de tais projetos e campanhas não são suficientes para obter êxito no trabalho que se faz, pois grande parte da população não tem acesso aos projetos, aos livros e aos espaços públicos destinados à leitura.

Mesmo com as proposituras de ações em favor da leitura por diferentes órgãos, nota-se que não há uma política pública clara sobre a viabilidade de leitura à população, como é o caso da falta de instalações de bibliotecas pelo país. A biblioteca pública é um prédio ou espaço social e cultural, ao analisarmos e procurarmos entender o porquê de o governo ter uma grande parcela de responsabilidade no desenvolvimento cultural do seu povo, observamos que para a biblioteca se tornar ativa, é necessária uma ordem social dominante para determinar a trajetória e o desenvolvimento dessa instituição, desde o conteúdo do acervo, até o controle e o acesso às informações e às obras que no prédio se encontra. Klebis (2008, p. 38), sobre esse assunto, aponta o seguinte:

Na verdade, os investimentos do governo em relação às bibliotecas, em particular no que diz respeito às bibliotecas escolares, ainda deixam muito a desejar. De outro modo, alguns dos problemas de muitas das bibliotecas federais, estaduais e municipais (incluindo as bibliotecas escolares) transcendem a esfera da responsabilidade do Poder Público, pois são oriundos de fatores culturais historicamente enraizados em nossa sociedade.

Conforme o exposto por Klebis (2008), não se vislumbra a possibilidade de acreditar que há boas intenções por parte do Poder Público em realizar ações que avancem no campo da leitura. Temos certeza de que a leitura nos leva a refletir e a buscar novos conhecimentos para sermos cidadãos melhores para a sociedade, mas é necessário um estímulo concreto para que as pessoas busquem a leitura e saibam de sua importância. Por isso é preciso de medidas efetivas por parte de nossos governantes para que nos auxiliem nessas ações.

1.1 Leitura, Literatura e a formação do leitor

Tratando, do ponto de vista do leitor, observamos diversos empecilhos para a prática da leitura. A dificuldade é retomada e desdobrada de inúmeras maneiras, já que para se obter o real significado da leitura é necessário que se tenha um conhecimento do assunto tratado, e conseqüentemente, a pesquisa ou aprofundamento do conceito.

Ao retomar o tema das dificuldades encontradas pelos jovens que estão em período escolar, nota-se uma certa zona de conforto maior ainda. Nas escolas públicas, todos os anos os alunos recebem seu material escolar, e juntamente com ele o livro didático. Em se tratando do ensino da literatura, observamos o baixo interesse do trabalho com as obras, tanto por parte do professor que, por vezes, não se permite ou não consegue transmitir e despertar a leitura da obra literária completa, e também por parte dos alunos que não procuram entender e pesquisar o assunto para refletir sobre o conteúdo da obra em suas mais variadas dimensões.

Acreditamos que esta situação de comodismo possa estar associada à facilidade que o livro didático proporciona tanto para o professor quanto para o aluno, pois nele encontramos atividades sobre obras literárias, mas essas se ocupam sempre de utilizar apenas fragmentos dos livros. Assim sendo, professores e alunos acreditam que com a realização dessas atividades estarão dando conta do conhecimento da obra. Por outro lado, em termos de avaliação, o professor não vai poder fazer um debate amplo com a sala, pois não houve uma leitura completa da obra por parte dos alunos. Entendemos que isso seja prejudicial para o aprendizado da matéria, uma vez que só se trabalhou com partes ou fragmentos das obras literárias.

Um dos motivos que muitos alunos acham a literatura algo sem graça ou sentido, como foi exposto anteriormente, é por conta da forma “pouco atrativa” que ela é transmitida por parte dos professores, que ficam restritos somente ao livro didático; outro fator importante é que muitas escolas não aceitam as literaturas que não sejam do cânone, pois acreditam que obras que não tenham esse cunho não são consideradas como literatura. Dessa forma, muitos professores deixam de realizar uma discussão produtiva entre as literaturas não canônicas com obras dessa natureza, com isso, os alunos, muitas vezes, continuam não gostando de literatura.

É evidente que, para os mais esclarecidos, não deve ser difícil notar que a leitura literária é significativa para a construção de uma sociedade civilizada, por conta do seu valor agregado à formação do ser humano como indivíduo crítico e social. Antônio Candido (1972) nos ensina que a Literatura pode saciar a nossa necessidade de ficção e fantasia. Segundo o renomado autor, a imaginação do homem tem por instinto a sede de fantasiar ou criar algo ficcional, e a Literatura é uma modalidade muito rica nesse aspecto, pois a fantasia presente nela quase nunca é pura, mantendo uma linha tênue entre a realidade e a imaginação:

Serve para ilustrar em profundidade a função integradora e transformadora da criação literária com relação aos seus pontos de referência na realidade. Ao mesmo tempo, a evocação dessa impregnação profunda mostra como as criações ficcionais e poéticas podem atuar de modo sub-consciente e inconsciente, operando uma espécie de inculcamento que não percebemos. (CANDIDO, 1972, p. 805).

Em outro momento, Candido (1995) trata a literatura como algo em potencial para fornecer ao leitor um conhecimento profundo do mundo. O autor expõe as suas reflexões sobre a importância da literatura, colocando-a como tendo o poder e a capacidade de humanizar o homem:

Entendo aqui por humanização (...) o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante. (CANDIDO, 1995, p. 249).

Contudo, infelizmente, o que se observa nas escolas, é que o texto literário é trabalhado de maneira oposta ao que se é apropriado a ensinar ao aluno para o seu

desenvolvimento enquanto ser humano e indivíduo crítico, como nos aponta Candido. Em muitos casos ainda se trabalha o texto literário como um instrumento para o aperfeiçoamento do estudo gramatical e linguístico. Assim, se esquece de que a literatura pode permitir colocarmo-nos no lugar do outro através da leitura das obras literárias que trazem diversas experiências, alargando o nosso conhecimento de mundo.

Esses pensamentos parecem estar esquecidos na nossa sociedade, sendo que as obras literárias nos permitem fazer uma ligação e uma reflexão entre passado e presente, ficção e realidade, bem e mal que são sentimentos que habitam o ser humano e que, por este motivo, devem fazer parte de nossas vidas para termos uma melhor compreensão sobre o mundo que nos cerca.

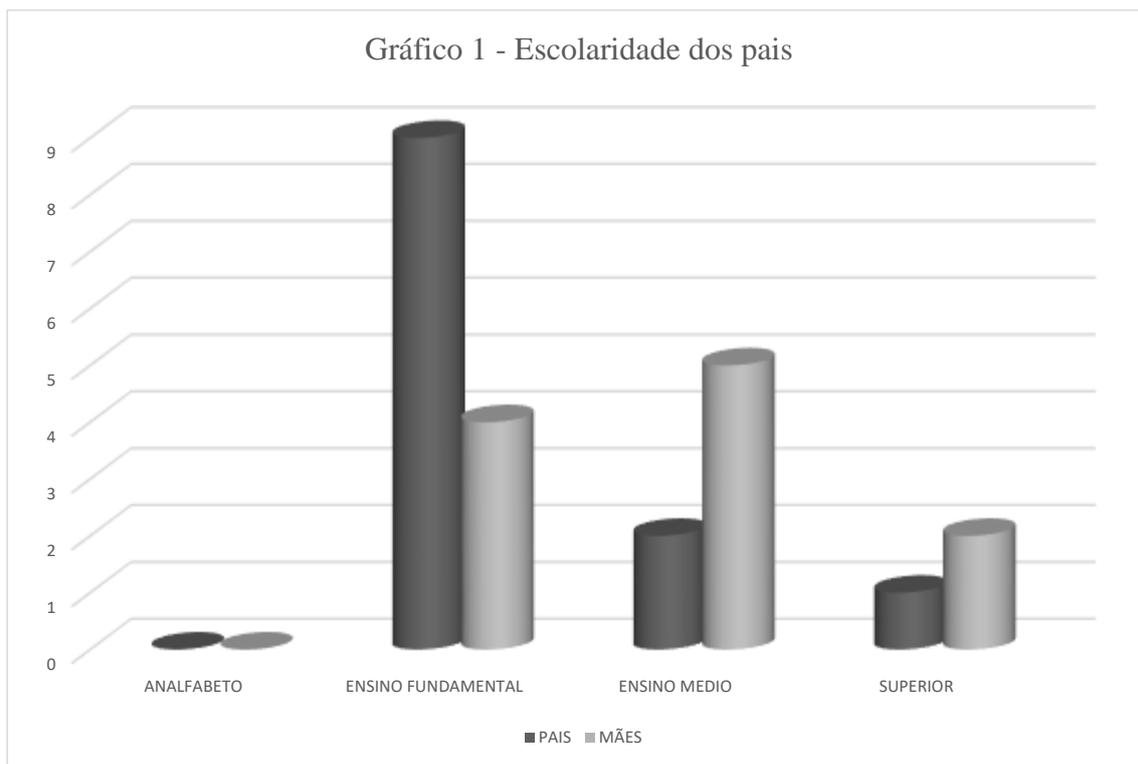
2. Análise dos dados, considerando os questionários aplicados na escola

Conforme já dissemos, essa pesquisa foi desenvolvida em uma escola pública do município de Vicentina-MS, com intuito de investigar a situação da leitura literária dos alunos do 3º ano do Ensino Médio. Após contato e autorização da direção escolar, apresentamos nosso projeto para a professora regente, que o leu e prontamente concordou com nossa proposta investigativa. Feito isso, passamos à aplicação dos questionários que continham 24 questões, sendo 10 dissertativas e 14 objetivas. Essas questões versavam sobre aspectos socioeconômicos e culturais dos alunos e de suas respectivas famílias. Acreditamos que, com esse questionário, e à luz dos dados analisados, pudemos compreender com mais propriedade nosso objeto de pesquisa: a leitura literária num contexto determinado.

A maioria dos alunos que estudam na escola são considerados de classe social baixa, média baixa e média para os padrões do município, uma vez que a metade possui a renda familiar de 01 a 02 salários mínimos (salário mínimo: R\$980,00) e a outra metade possui renda familiar que varia 02 até 04 salários mínimos. A maior parte dos alunos são residentes na zona rural (assentamentos, chácaras, sítios e fazendas) e fazem o uso do transporte escolar. Eles percorrem distâncias significativas para chegar até a escola, muitas vezes eles enfrentam problemas devido à quantidade de faltas, por conta da temporada de chuvas e das péssimas condições das estradas. A escola não enfrenta problemas com falta de vagas, pois devido à evasão das pessoas residentes no campo para a cidade ela se encontra com poucos alunos.

De posse dos questionários, estes foram transformados em gráficos com a intenção de apresentarmos uma análise interpretativa, fundamentada, sobre a situação atual da leitura literária desses alunos. Aplicamos e tivemos a devolutiva de 12 (doze) questionários. Preservamos os nomes dos alunos, determinando-os por um número.

Os três primeiros gráficos que seguem dizem respeito a aspectos socioeconômicos e culturais dos pais e mães dos estudantes:



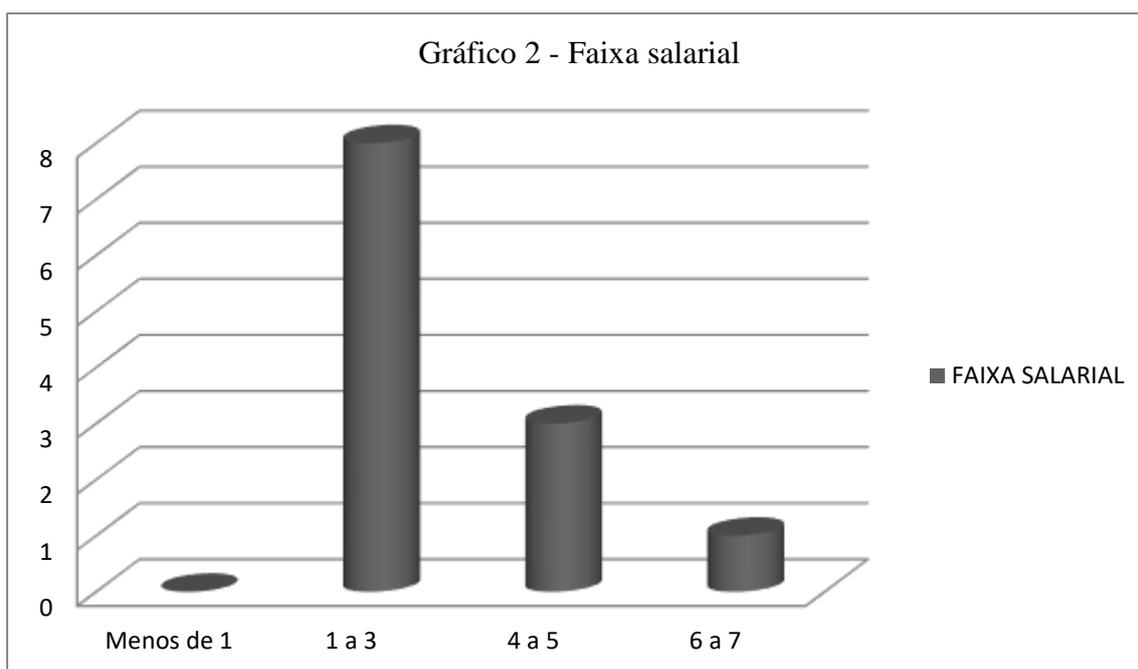
Fonte: elaborado pelos autores

Conforme observamos no gráfico 1, constatamos que a grande maioria dos pais possuem apenas o Ensino Fundamental: 09 pais e 04 mães; os de Nível Médio são 02 pais e 05 mães. Dos 12 questionários respondidos, apenas duas mães e um pai concluíram o Ensino Superior. Se pensarmos, em relação à leitura em geral, principalmente à escolarizada, é possível afirmar que há maior possibilidade de um menor número de pais terem entrado em contato com a leitura que os demais. Esses seriam os pais de Nível Superior, uma vez que entendemos que eles tiveram maior oportunidade e também foram mais “cobrados” para ler, pois chegaram a concluir um curso superior. Essa constatação está presente em Bourdieu (1998, p. 42) quando argumenta que

A influência do capital cultural se deixa apreender sob a forma da relação, muitas vezes constatada, entre o nível cultural global da família e o êxito escolar da criança.

A parcela de “bons alunos” em uma amostra da quinta série cresce em função da renda de suas famílias. Paul Clerc mostrou que, com diploma igual, a proporção de bons alunos varia de maneira significativa segundo o pai não seja diplomado ou seja bachelier*

No que se refere ao capital cultural, observamos que Boudieu (1998) destaca a relação entre o nível cultural e o poder aquisitivo da família, estes podendo ter grande influência sobre a criança em relação ao seu sucesso na formação escolar, inclusive como leitor competente.



Fonte: elaborado pelos autores

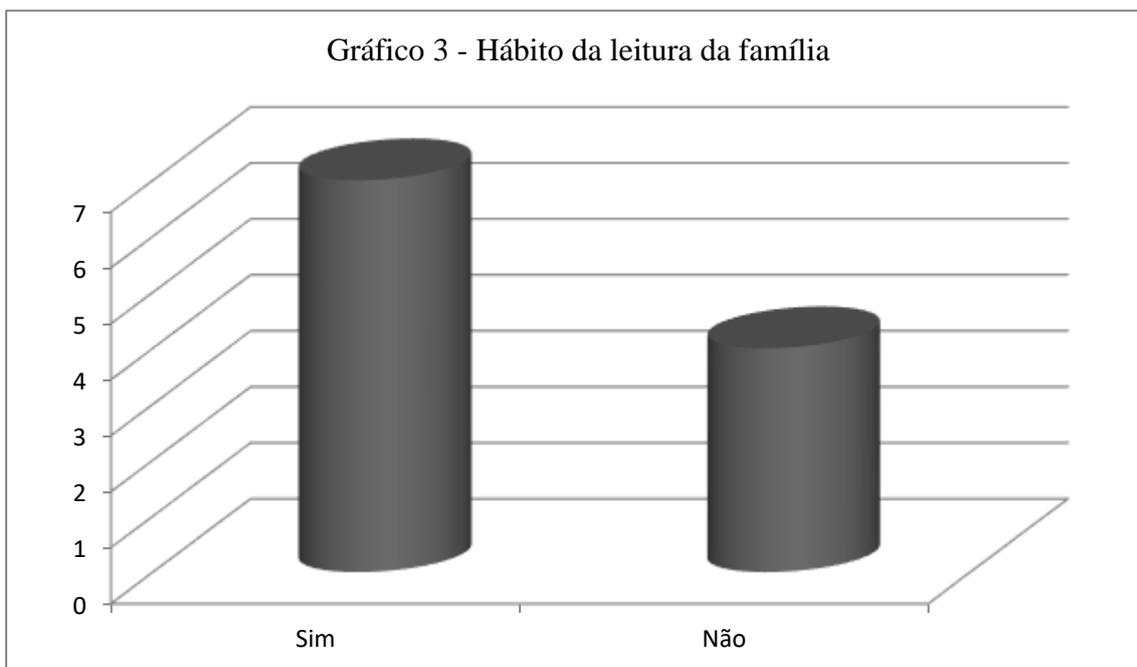
Ao observarmos o gráfico 2 percebermos que a maioria das famílias tem a renda salarial de 1 a 3 salários, mais precisamente 8 famílias dos 12 alunos entrevistados. Também podemos notar que somente uma família tem a renda salarial de 6 a 7 salários mínimos. Percebemos que nesta família que tem maior renda salarial, ambos os pais possuem curso superior, também constamos com a leitura no questionário respondido pelo filho (aluno 08) do casal que ele recebe incentivo de leitura por parte dos seus pais.

Em relação à leitura, quando pensamos em uma família com maior poder aquisitivo, podemos perceber que essas pessoas podem adquirir livros, obras de arte, fazer viagens, e certamente, ter melhores condições de manter seu filho na escola. Por outro lado, constata-se que nos dias atuais muitos jovens não continuam os estudos por não poderem somente frequentar a escola e estudar, mas também trabalhar; porém, a rotina

diária de trabalho e estudo acaba se tornando muito cansativa, tendo eles que optar por um dos dois, sendo que a maioria não tem condição de se manter sem o emprego. Sem contar que a questão financeira influi de maneira significativa na vida do aluno, de modo que ele pode ampliar o seu cabedal cultural através de viagens, visitas a museus, conhecendo lugares históricos. BOURDIEU (1998, p. 45) acrescenta, nessa mesma perspectiva, e nos esclarece o seguinte:

O privilégio cultural torna-se patente quando se trata da familiaridade com as obras de arte, a qual só pode advir da frequência regular ao teatro, ao museu ou a concertos (frequência que não é organizada pela escola, ou o é somente de maneira esporádica). Em todos os domínios da cultura, teatro, música, pintura, jazz, cinema, os conhecimentos dos estudantes são tão ricos e extensos quanto mais elevada é sua origem social.

Considerando o destaque de Bourdieu (1998), entende-se que as classes privilegiadas sempre usufruíram de maior acesso à cultura e à arte em geral, mantendo-se o *status quo* de posição social frente as demais classes. Em relação ao exposto, observamos que o aluno 08, de 16 anos, filho de pais que possuem Ensino Superior, com renda familiar entre 6 e 7 salários mínimos, se aproxima da constatação referenciada por Bourdieu (1998). Os dados ainda acrescentam que na casa dele todos possuem o hábito de ler e todos leem principalmente a Bíblia, e o aluno em questão leu seu primeiro livro por influência da família. Ele considera a leitura importante e respondeu que “Quem pratica o hábito de ler tem uma visão diferente do mundo”. Tendo ele o hábito de ler romances, a Bíblia e outros, porém coloca que nenhum livro marcou sua vida, e relata que tem facilidade de entender o que lê, devido, segundo ele, o “conhecimento de palavras formais e devidos significados”, e acredita que a leitura pode nos ajudar de várias formas. Esse aluno pretende cursar a faculdade de engenharia civil e considera a escola como “Meio de ensino que é fundamental para todos”.



Fonte: elaborado pelos autores

No gráfico 3, podemos notar que a maioria das famílias possui o hábito de ler. Os seus membros costumam ter em mãos a Bíblia como leitura quotidiana. Ao examinar os questionários, identificamos que as famílias em que os pais não possuem o hábito de ler, seus filhos leem muito pouco e a maioria não leu nenhum livro por ano, só fazem algum tipo de leitura quando é necessário ou solicitado pelo professor. BOURDIEU (1998, p. 41-42) nos expõe o seguinte sobre esse tema:

Na realidade, cada família transmite a seus filhos, mais por vias indiretas que diretas, um certo capital cultural e um certo ethos, sistema de valores implícitos e profundamente interiorizados, que contribui para definir, entre coisas, as atitudes face ao capital cultural e à instituição escolar. A herança cultural, que difere, sob dois aspectos, segundo as classes sociais, é a responsável pela diferença inicial das crianças diante da experiência escolar e, conseqüentemente, pelas taxas de êxito.

A seguir, apresentamos o gráfico 4 que indica a influência da leitura do primeiro livro de nossos sujeitos da pesquisa:



Fonte: elaborado pelos autores

Ao analisarmos o gráfico 4, observamos que a maior parte dos alunos relata não ter tido influência de ninguém para ler o primeiro livro: 6 alunos; dos outros alunos, 3 dizem que foram influenciados pela escola e 2 pela família. Com esses dados, constatamos que a escola não incentiva à leitura como deveria, pois somente 27% dos alunos receberam a influência dela, sendo assim, cabe ao professor estimular e incentivar o seu aluno à leitura literária. Nesse caso, esse déficit pode ter como motivo, também, o resultado da falta de estrutura da escola, já que a mesma não possui sala para leitura dos alunos e nem biblioteca. A respeito dessa situação, assim se expressa Foucambert (1994, p. 5):

A escola precisa de uma reflexão muito mais fundamental, precisa entender o que é leitura; só então será fácil e frutífero escolher. Acho possível provocar nos professores e nos pais uma tomada de consciência sobre o que é a leitura, a partir de sua própria prática, para derrotar as falsas noções que continuam sendo utilizadas como referências para a ação educativa escolar e familiar.

Observamos também que os alunos influenciados pela família a ler têm pais que possuem o ensino superior e a renda familiar mais alta do que os demais pais. Sobre esses alunos que não são incentivados e não recebem influência de ninguém, constatamos, de acordo com o questionário aplicado, que a maioria, apesar de afirmar que lê, não gosta ou tem dificuldade de entendimento sobre o lido. A partir desses dados, de compreender

a importância do aluno ser influenciado a adquirir o hábito de ler e o que isso significa para a sua formação cidadã, Zilberman (2012, p. 21) afirma o seguinte:

Por um lado, a reflexão sobre a formação do leitor faz emergirem os contrastes sociais que estão na sua base. Por outro, todavia, esse esforço especulativo pode igualmente abrir caminho para a proposição de um novo modelo de intercâmbio entre cada indivíduo e os livros, segundo o qual se alcançarão os meios de suplantar os problemas que, quando vigoram, prejudicam a todos.

Em relação à questão do hábito de ler, expomos o seguinte gráfico para discussão:



Fonte: elaborado pelos autores

Conforme se observa, e de acordo com as respostas dos questionários, constatamos que a maior parte dos alunos afirma ter o hábito de ler, sendo que dos 12 questionários analisados, 09 alunos disseram ter o hábito de ler e 3 relataram que não. Ao observarmos os questionários percebemos que a maioria, quando vai escolher sua leitura, acaba optando por um romance. A Bíblia aparece em segundo lugar na escolha de leitura de 07 alunos, vindo em seguida o livro didático, jornais, revistas e outros. Os alunos relataram, em sua maior parte, que leem porque gostam e não só por obrigação.

Ao refletirmos sobre esses dados, observamos que os alunos que disseram estar realmente lendo o fazem por gostarem de ler e não apenas como exigência de alguma disciplina, porém alguns alunos relataram que leem somente quando o professor solicita

ou por necessidade. Ao analisarmos os questionários desses alunos que leem por obrigação, constatamos que, nas residências deles nenhum dos familiares possui o hábito de ler e seus pais possuem apenas o Ensino Fundamental. Eles também não receberam influência de ninguém para ler seu primeiro livro, mas, contudo, todos eles colocam que a leitura é importante. Quando perguntamos o porquê essas foram algumas das respostas deles:

“Porque tem que apresentar para a professora”. (Aluno 06)

“Para termos mais conhecimento”. (Aluno 04)

“Pela leitura você adquirir conhecimentos”. (Aluno 11)

Por outro lado, quando nos aprofundamos na análise dos questionários dos alunos que disseram gostar de ler, percebemos que, por mais que eles relatem gostar de ler, a maior parte diz que nenhum livro marcou sua vida e que não frequenta bibliotecas. Ao pesquisarmos sobre a questão dos espaços para leitura, levantamos que não há bibliotecas públicas na região e nem na escola onde esses alunos frequentam, o que torna mais difícil o acesso à leitura. Ao conversarmos com a direção da escola sobre a falta da biblioteca, a diretoria nos relatou que eles tentam obter recursos há muito tempo para esse fim, mas não conseguem. A coordenação nos contou que faz o que pode, tendo montado um espaço dentro da sua sala para que os alunos tenham mais acesso aos livros.

Nesse sentido, Pszczol (2008, p. 13) discorre sobre a importância do Estado e da sociedade no incentivo da leitura:

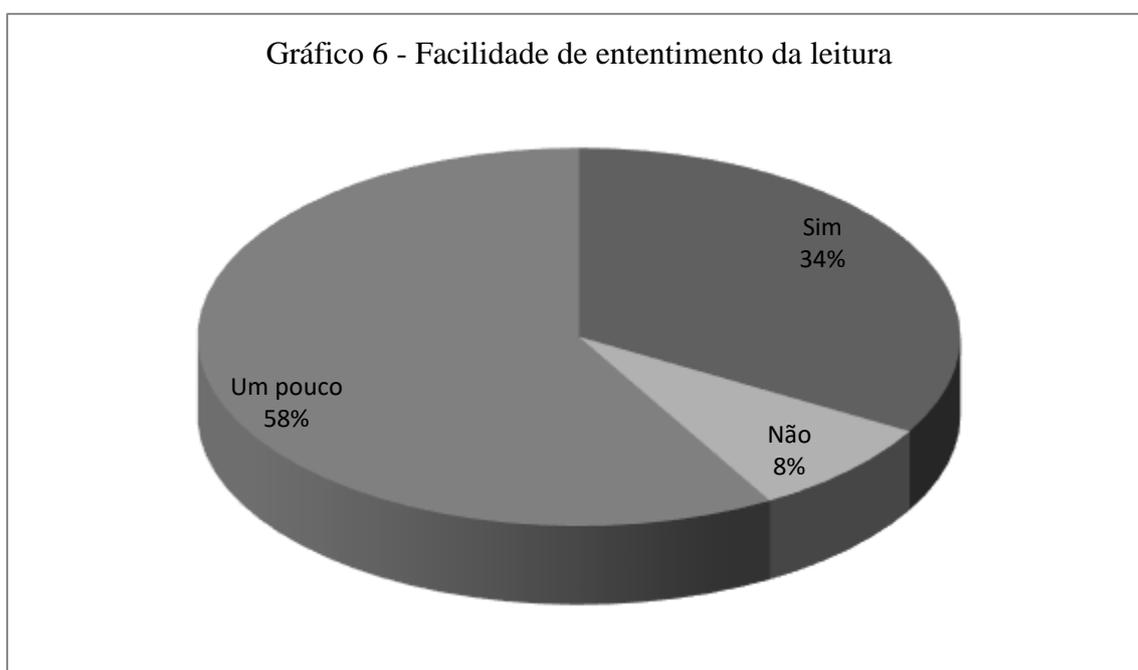
[...] sobre a leitura não pode se restringir ao meio acadêmico, à educação ou ao mercado editorial: trata-se de uma questão política, e é politicamente que se deve discuti-la. Esse é um tema que cabe ao Estado e à sociedade, mas é o Estado que deve garantir e definir uma política nacional de incentivo à leitura.

Ao refletirmos sobre esse aspecto, percebemos como é importante uma ação direta e constante do Estado para que as escolas possam oferecer maior acesso à leitura aos seus alunos e à comunidade. Sendo assim, há a necessidade de que o Estado tenha uma maior participação no incentivo à leitura, pois, ao analisarmos os questionários percebemos que a maioria dos alunos realmente não frequenta bibliotecas por falta da existência de uma na região e também na escola. Pszczol (2008, p.13), a respeito disso complementa:

Uma política é uma ação constante do Estado. Não é uma campanha, não é um evento nem pode ser apenas uma série de acontecimentos espalhados no tempo. A mera distribuição de livros também não configura, a rigor, uma política pública, nem tampouco se podem considerar políticas de Estado outras iniciativas parecidas, realizadas isoladamente por ministérios, governos estaduais e municipais, empresas públicas e privadas, e demais organizações da sociedade.

Observando as considerações de Pszczol (2008) sobre as políticas públicas destinadas a incrementar a leitura nos mais diversos setores sociais, percebe-se ainda negligência por parte dos órgãos governamentais no cumprimento dessas ações que lhe são pertinentes.

Sobre a compreensão e o entendimento em relação à leitura, temos as seguintes considerações:



Fonte: elaborado pelos autores

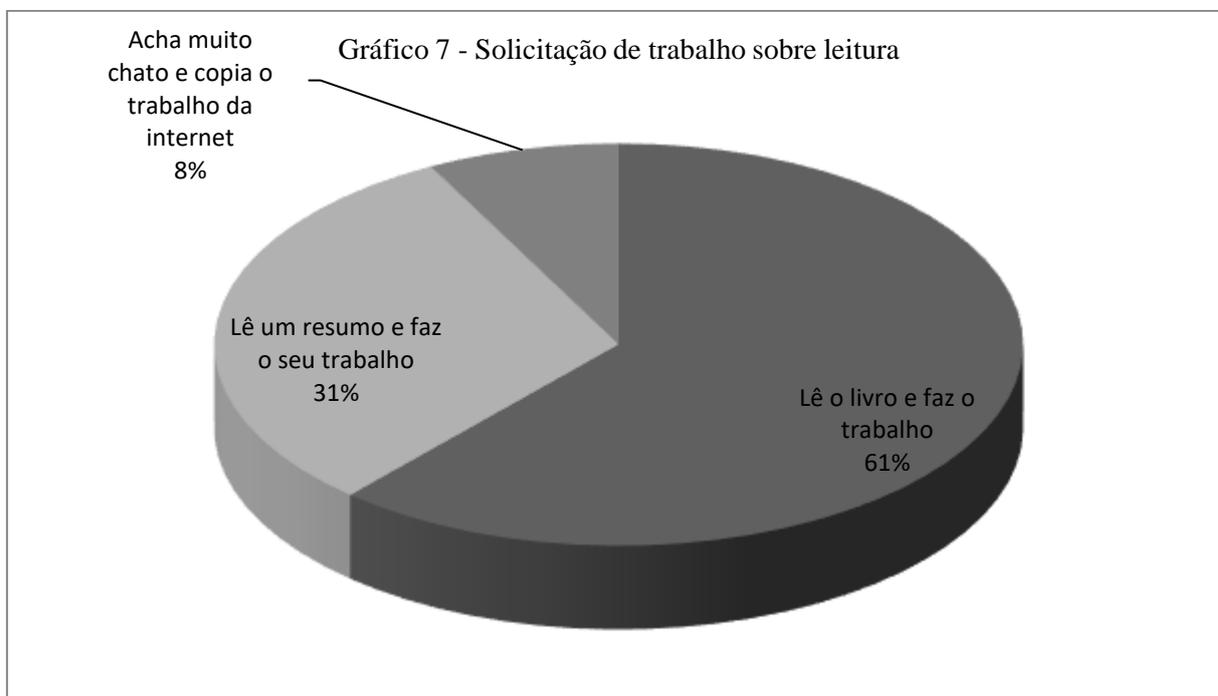
Podemos notar, no gráfico 6, que a maior parte dos alunos possuem alguma dificuldade de entendimento quando leem um texto. Em termos de números, temos o seguinte: 07 alunos relataram ter um pouco de dificuldade para entender o que lê; 01 aluno respondeu que não tem facilidade para entender o que lê; e 04 alunos disseram não possuir dificuldades nesse aspecto. Ao analisarmos o questionário do aluno que diz não possuir facilidade de entendimento em sua leitura, constatamos o seguinte: ele é o único que trabalha da classe, nenhum dos pais possui ensino superior, lê somente quando o professor

solicita, e segundo ele, quando não consegue entender coloca o seguinte: “Leio varias vezes até entender”.

Conforme já exposto, a respeito dessa situação, é de entendimento dos estudiosos do assunto de que a compreensão da leitura vai muito além da decifração do código da língua. Sendo assim, o aluno necessita de conhecimento prévio, ou seja, ele utiliza um conhecimento que ele já tem para conseguir absorver um novo. Kleiman (1995, p. 13) expõe o seguinte sobre o assunto:

A compreensão de um texto é um processo que se caracteriza pela utilização de conhecimento prévio: o leitor utiliza na leitura o que ele já sabe, o conhecimento adquirido ao longo da vida. É mediante a interação de diversos níveis de conhecimento, como o conhecimento linguístico, o textual, o conhecimento de mundo, que o leitor consegue construir o sentido do texto. E porque o leitor utiliza justamente diversos níveis de conhecimentos que interagem entre si, a leitura é considerada um processo interativo. Pode-se dizer com segurança que sem engajamento do conhecimento prévio do leitor não haverá compreensão.

Sobre a solicitação, por parte do professor, de atividades relacionadas à leitura, apresentamos o seguinte:



Fonte: elaborado pelos autores

Ao observarmos o gráfico 7 acima, percebemos que a maior parte dos alunos disse que lê o livro quando o professor assim o solicita. Em nosso ponto de vista, uma característica cada vez mais rara nos tempos atuais, pois diante da evolução tecnológica, vários resumos sobre as obras estão à disposição em um só *click*. Observando os números dos alunos entrevistados, de acordo com as respostas contidas nos questionários, temos o seguinte: 08 alunos disseram que leem o livro para fazer o trabalho, 04 leem um resumo e fazem o trabalho, e apenas 01 disse copiar da internet. Ao analisarmos os questionários dos alunos que leem os livros para fazer o trabalho e os que não leem, podemos inferir que os que leem tem melhor desenvolvimento tanto na interpretação quanto na escrita. Os dados nos permitem dizer que a prática da leitura e da leitura literária deve nortear as ações no processo ensino-aprendizagem em todas as etapas da escolarização, principalmente no ensino médio, período em que a maturidade permite mais consciência aos alunos sobre a necessidade em adquirir novos saberes.

Levando-se em conta que o nosso foco investigativo teve como propósito a verificação do interesse dos estudantes pela leitura e a situação da leitura literária na escola, os dados obtidos mostraram que os objetivos foram alcançados. Ressaltamos que nossa pauta de discussão centrou-se no aluno como sujeito leitor na instância escolar e fora dela. Diante disso, não foi nossa pretensão analisar, a priori, as ações pedagógicas do docente em relação ao ensino da literatura propriamente dita. Consideramos que para se discutir o ensino da literatura seria necessário a mobilização de um aporte teórico mais específico, não menos importante, e um questionário destinado à verificação do fazer pedagógico docente no que se refere ao ensino da literatura. Por fim, acrescentamos que tanto a leitura e a leitura literária quanto literatura não se excluem, mas se especificam em sua natureza e finalidade.

Considerações finais

Conforme nossas análises, à luz do questionário, considerando também ao que se reportam os estudiosos do assunto em referência podemos discorrer sobre algumas constatações. De modo geral, a maioria dos alunos disseram gostar e ter hábito de ler, porém isso não significa que eles estão aproveitando bem o que estão lendo, pois essa mesma maioria que disse ser leitora também apresentou certas dificuldades em relação à compreensão e ao entendimento do que foi lido. Afirmamos isso porque verificamos que

a maior parte dos alunos disseram ter dificuldade em conseguir absorver o conteúdo do livro por completo, uma vez que eles se perderam em alguns momentos ao se reportarem sobre as obras que disseram ter lido.

É fundamental lembrar que, na região em que a pesquisa foi executada, não há bibliotecas. Devido a isso, professores, alunos e a comunidade em geral lamentam por não possuir um espaço tão importante. Todavia, todos os alunos acreditam que a leitura é de extrema importância. Um outro dado considerável que constatamos é que a maior parte das famílias dos alunos disseram possuir o hábito de leitura, porém é uma leitura mais concentrada em revistas, em jornais e na Bíblia e não em obras literárias.

Outra situação que nos chamou a atenção refere-se ao incentivo à leitura. Constatamos que a maior parte dos alunos disse não receber incentivo nem da escola nem dos pais para ler o primeiro livro literário. Consideramos isso preocupante, principalmente em relação ao papel da escola que é o lugar em que o ato de ler deve se fazer presente cotidianamente. A escola não pode prescindir desse momento jamais, pois se assim o fosse ela estaria negando o seu bem maior que é o ensino e o momento mágico do encontro entre o aluno e o livro.

A propósito da família, vale salientar a importância de os pais terem o hábito da leitura, e o quanto isso é significativo para a formação intelectual dos filhos. Fica-nos que esses que pertencem a famílias que tem o hábito de ler também leem mais. Sobre a questão econômica, observamos que a maioria das famílias ganham de 1 a 3 salários mínimos, e as que possuem uma renda maior, os pais têm Nível Superior. Essa informação também nos leva a crer que os alunos, filhos dos pais que têm Ensino Superior, foram mais influenciados a adquirir o hábito de leitura.

A principal conclusão que podemos tirar deste trabalho é que esses alunos que dizem que leem é porque gostam e que possuem, em sua maioria, o hábito da leitura, apesar de não ter na região uma biblioteca pública para atender a comunidade. No entanto, eles ainda possuem algumas limitações, como dificuldade de entendimento dos textos lidos. Isto pode ser resolvido com uma ação de mediação pedagógica mais efetiva por parte do professor. Por fim, o que nos parece também é que o Poder Público poderia participar mais efetivamente desse processo, com a construção de espaços destinados à leitura, tanto no âmbito escolar quanto fora dele, ou seja, instalar bibliotecas públicas que possam atender à comunidade no seu entorno.

Referências

- ANDRADE, M. M. de. *Introdução à metodologia do trabalho científico*. 4 ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- BARBOSA, J. J. *Alfabetização e leitura*. São Paulo: Cortez, 1994.
- BOURDIEU, P. A Escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. In: CATANI, D. B.; CATANI, A. M. *Escritos da Educação*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1998.
- CANDIDO, A. *A literatura e a formação do homem*. São Paulo: USP, 1972.
- CANDIDO, A. *Literatura e sociedade*. 10 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2008.
- CANDIDO, A. *O direito a literatura: O esquema de machado de Assis*. São Paulo: Duas Cidades, 1995.
- CARVALHO, D. C. *Leitura na Escola: caminhos para sua dinamização*. In: SILVA, E. T. *Leitura na escola*. São Paulo: Global Editora, 2008.
- COSSON, R. *Letramento literário*. São Paulo: Contexto, 2014.
- FREIRE, P. *A importância do ato de ler*. São Paulo: Cortez, 1989.
- FOUCAMBERT, J. *A leitura em questão*. Porto Alegre: Artmed, 1994.
- GALEANO, E. *Vozes e crônicas*. São Paulo: Global/Versus, 1978.
- LUDKE, M.; ANDRÉ, E. D. A. *Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

KLEBIS, C. E. de O. *Leitura na Escola: problemas, tentativas e soluções*. In: SILVA, E. T. *Leitura na escola*. São Paulo: Global Editora, 2008.

KLEIMAN, A. *Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura*. Campinas (S.P.): Pontes, 1995.

PSZCZOL, E. O Papel do Proler em uma Política Nacional de Leitura. In: SILVA E. T. *Leitura na escola*. São Paulo: Global Editora, 2008.

ZILBERMAN, R. *A leitura e o ensino da literatura*. Curitiba: InterSaberes, 2012.

ZILBERMAN, R. *A leitura no Brasil: sua história e suas instituições*. Disponível em :<
<http://www.unicamp.br/iel/memoria/projetos/ensaios/ensaio32.html>> Acesso em:
20/ago. 2018.